

# A PARTILHA SOCIAL DAS EMOÇÕES COMO ELEMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DO ETHOS DO PERSONAGEM HENRIQUE NO DOCUMENTÁRIO EDIFÍCIO MÁSTER

Fernanda Silva CHAVES

Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG

[ferschaves@yahoo.com.br](mailto:ferschaves@yahoo.com.br)

**Resumo:** O objetivo deste artigo é o pretende discorrer sobre como a partilha social das emoções, presente no depoimento do personagem Henrique, no documentário brasileiro Edifício Master contribuiu, enquanto elemento discursivo, para a construção do ethos do personagem. Partimos do pressuposto de que o compartilhamento das suas emoções com o público contribuiu para a formação de um *ethos* positivo do nosso personagem; o que pretendemos discorrer metodologicamente. Para que esta análise seja feita recorreremos às contribuições de Frijda (2003), Le Breton (2009), Himé & Herbette (2003), Lima (2007 e 2008) e Mendes (2010) no que se refere aos estudos sobre as emoções no discurso; acerca da noção de *ethos* recorreremos às contribuições de Amossy (2007) Charaudeau (2000 e 2006), Mendes (2008); e, sobre as teorias do cinema documentário de Lima e Mesquita (2008).

**Palavras-chave:** emoções; documentário; ethos; partilha social

## 1 INTRODUÇÃO

Desde a criação do cinema até os tempos atuais, os depoimentos emocionados dos personagens povoam os roteiros, inclusive, das produções documentais. Uma interpretação rasteira poderia nos apontar que essa “fórmula catártica” para captar a adesão do espectador ao discurso é tida como uma estratégia eficaz para conferir peso à produção na sua busca pelos efeitos de “real”.

Poderíamos até ensaiar, obedecendo às interpretações correntes de base empírica, que o sujeito que constrói um *ethos* emocionado, traz em seu discurso muito mais do que sua narrativa de vida. Tal como nos programas espetaculosos da TV, ele marca a produção; conquista, emociona e convence.

Na contramão desse pressuposto empírico, tomando por base teórica os estudos referentes as emoções no discurso e a noção de *ethos*. Este estudo pretende discorrer sobre como a partilha social das emoções, presente no depoimento do personagem Henrique, no documentário brasileiro Edifício Master<sup>1</sup> contribuiu, enquanto elemento discursivo, para a construção do *ethos* do personagem.

---

<sup>1</sup> Direção Eduardo Coutinho. Ano 200. Produção Maurício Andrade Ramos e João Moreira Salles.

Partimos do pressuposto de que o compartilhamento das suas emoções com o público contribuiu para a formação de um *ethos* positivo do nosso personagem; o que pretendemos discorrer metodologicamente.

Para que esta análise seja feita recorreremos às contribuições de Frijda (2003), Le Breton (2009), Himé & Herbette (2003), Lima (2007 e 2008) e Mendes (2010) no que se refere aos estudos sobre as emoções no discurso; acerca da noção de *ethos* recorreremos às contribuições de Amossy (2007) Charaudeau (2000 e 2006), Mendes (2008); e, sobre as teorias do cinema documentário de Lima e Mesquita (2008).

Sobre nossa metodologia de análise, aplicaremos os conceitos por esse estudo abordados na utilizaremos a livre transcrição do roteiro do depoimento do personagem, feita por nós e, em um segundo momento, utilizaremos os “posts” sobre vídeo, disponíveis no Youtube como um possível apontamento da nossa percepção de que um *ethos* positivo do personagem foi construído.

Vale aqui já pontuar que, conforme defende Mendes (2010), a questão da recepção é de suma importância para os estudos da patemização, já que esses podem nos oferecer traços, marcas dos sucessos dos efeitos visados pelo discurso. E, mesmo que a autora sinta pouca receptividade por parte dos pesquisadores da AD em relação às possibilidades dos estudos da recepção, defende que esses não são uma área infrutífera.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Sobre a produção e sobre a situação de comunicação**

O documentário Edifício Master, por meio de depoimentos, traz as histórias de vida de 37 moradores que de um complexo de 276 apartamentos conjugados, em Copacabana, Rio de Janeiro.

Para as pesquisadoras Lins e Mesquita (2008), a produção inaugura uma nova fase das produções de Coutinho marcada pela economia narrativa. Máster é o segundo filme de Coutinho de maior sucesso, com cerca de 85 mil telespectadores (perdendo apenas para “Cabra marcado para morrer” de 1984).

Para as autoras, a produção marca uma mudança de horizonte social do cineasta ao reunir personagens pertencentes às camadas médias da população, universo tão pouco explorado pelas produções brasileiras, na ocasião, que ainda estavam presas às velhas fórmulas herdadas do Cinema Novo<sup>2</sup> e a sua preocupação de dar voz ao “outro de classe”:

---

<sup>2</sup> Segundo Leite (2005), a fase do cinema nacional intitulado como “Cinema Novo” correspondeu aos anos de 1962 a 1969, em plena Ditadura Militar brasileira. Os diretores ligados a essa fase assumiram uma posição de vanguarda ao trazer para suas produções a discussão dos grandes problemas sociais brasileiros. Geralmente à margem dos esquemas industriais de produção, os filmes do Cinema Novo eram feitas “com uma câmera na mão, e muitas ideias na cabeça”- jargão que foi criado a partir das produções de Glauber Rocha. Segundo o autor, apesar do limitado público que as produções atingiam, o seu maior legado foi o envolvimento dos segmentos mais intelectualizados da sociedade brasileira na problematização das questões nacionais.

uma forma de representação e problematização das mazelas sociais que assolam nossa realidade.

Lins e Mesquita (2008) afirmam ainda que o deslocamento do roteiro para o campo social trouxe para a produção de Coutinho uma transformação frente as imagem midiática no seu embate com os *reality shows* e os programas sensacionalistas da TV, cuja lógica é a exposição da intimidade.

Em Master, as existências “comuns” dos personagens da produção encontraram ali uma possibilidade de reconhecimento. “Houve momentos [...] em que a lógica do pior se impôs, e o que se ouviu foi a pior história, a maior desgraça, a grande humilhação. Porque o desejo dos moradores, em muitos casos, é o de escapar do isolamento, ganhar visibilidade a qualquer preço” (LINS E MESQUITA, 2008. p. 49).

Especificamente sobre nosso corpus, elegemos um dos depoimentos do mosaico da produção (na impossibilidade deste estudo abarcar mais do que esse recorte de análise). Henrique, nosso personagem, é um homem já idoso que mora sozinho em um dos apertados apartamentos do Master.

Viúvo, pai dois filhos e uma filha que moram e trabalham nos Estados Unidos (EUA), Henrique conta que voltou ao Brasil depois de uma vida de duro trabalho em terras estrangeiras. Segundo relata, sua vida atual no Brasil oscila entre momentos de solidão, caminhadas rotineiras pela praia, na convivência distante com os poucos parentes e, ainda, nas duas vezes ao mês em que colocava a música *My Way* (Frank Sinatra) para que os vizinhos ouçam.

Sua história de anonimato e dificuldades ganha novos contornos a partir do relato do dia que conheceu, e cantou uma canção com Frank Sinatra: *My Way*. – a música que significava sua vida, na recepção aos astronautas americanos, recepção no *Astrodome*, em *Houston* (EUA).

Em relação a produção, Lins e Mesquita (2008) comentam que Edifício Máster obedece a uma tendência de particularização do enfoque que, ao invés de almejar grandes sínteses, análises ou interpretações de situações sociais mais amplas, busca um recorte mínimo que aborda experiências e expressões individuais.

Produções como essa, segundo as autoras, valorizam a subjetividade do homem comum. “As experiências são, de um modo geral, tratadas como irredutíveis. Nem típicas, nem exemplares tampouco extraordinárias. Ao contrário, únicas e singulares” (LINS E MESQUITA, 2008. P. 50).

Para nós, essa particularização da abordagem coloca em primeiro plano a noção do sujeito e a forma como ele se projeta como ponto central da narrativa. Assim sendo, a forma como ele se inscreve discursivamente na produção – construindo seu *ethos* – passa a ser um ponto chave para a investigação dos estudos lingüísticos. É sobre essa noção e a sua relação com o discurso documental que pretendemos discorrer nas próximas linhas.

## 2.2 Sobre a noção de *ethos*

A noção de *ethos* é tida pela Análise do Discurso, por herança da Retórica aristotélica, como a “imagem de si” projetada pelo enunciador no momento da enunciação. Várias são, entretanto, as contribuições vindas de pesquisadores da AD.

Como recorte conceitual, optamos pelas noções que estão ligadas diretamente ligadas aos imaginários sociodiscursivos, ou, como defende Amossy (2007) relacionadas à noção de estereótipo que, afirma, está no âmago do discurso documental tanto no nível do enunciado (uma vez que o sujeito falante deve projetar sua imagem em um discurso confiável, enquanto testemunha ocular) quanto no nível do enunciador (a medida que projeta a imagem de um “eu” passado que assume a responsabilidade sobre o enunciado. A credibilidade do “eu presente” depende comportamento do “eu” passado).

Pelo viés do *ethos*, a autora vê a testemunha (sujeito do documentário) como um locutor que relata os fatos de forma mais neutra (com menor subjetividade do que lhe confere). Dessa forma, defende que o discurso testemunhal possui uma visada mais argumentativa do que propriamente de persuasão.

Charaudeau (2006) adota o termo imaginários sociodiscursivos para falar da forma de apreensão do mundo que nasce da mecânica das representações sociais constituintes da significação sobre os objetos, os fenômenos que produzem, seus componentes que transformam a realidade em real significante. Tais imaginários, para o autor, são o resultado de um processo de simbolização de ordem efetivo-racional pautada na intersubjetividade que marca as relações humanas.

Para o pesquisador, esses imaginários podem ser considerados como sociais na medida em que essa operação de simbolização do mundo se faz em um domínio de prática social; e sociodiscursivo a partir da hipótese de que esse resulta da representação que constrói o universo pensado, lugar das instituições das verdades e sedimentação dos discursos.

Já para Amossy (2005 *apud* MENDES 2008), a noção de estereótipo desempenha um papel importante na configuração da imagem de si. Para a autora, a ideia prévia que se faz do locutor e a imagem de si que ele constrói em seu discurso não podem ser singulares. Para serem reconhecidas pelo público (e por ele legitimadas) é preciso que elas sejam assumidas em *doxa* (indexadas como representações partilhadas). Assim, acredita que o *ethos* do enunciador é sempre criado a partir de estereótipos, representações ou imaginários que criamos, fazemos dos outros e que esses, por sua vez, fazem de nós.

No que diz respeito ao processo de estereotipagem, Amossy (2005 *apud* MENDES, 2008) defende que essa operação consiste em pensar o real a partir de um esquema coletivo e cristalizado. “Assim, a coletividade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo préconstruído da categoria por ela defendida e no interior da qual ela o classifica [...]” (AMOSSY, 2005. p. 125 *apud* MENDES, 2008. p. 197).

Sobre a diferença entre representações e estereótipos, Mendes (2008) afirma que as representações são construções dinâmicas enquanto os estereótipos são imagens cristalizadas.

### 2.3 Uma abordagem cognitiva e social das emoções no discurso

Na introdução do seu artigo “Patemização no tribunal do júri: emoções, imagens e discursos”, a pesquisadora Helcira Lima (2008) discorre sobre a condição, digamos, marginal, dos estudos das emoções em áreas do conhecimento como a filosofia. A autora aponta ainda que, além da filosofia, o Romantismo também contribuiu para uma avaliação negativa acerca das emoções e destaca, sobretudo, o papel de Descartes como responsável por inaugurar a filosofia moderna, fato que “contribuiu com séculos de atraso nos estudos sobre o papel das emoções no discurso”. (LIMA, 2008. p. 129)

Como aponta a autora, foi nos estudos da retórica clássica da atualidade que as emoções no discurso retomaram seu lugar através dos estudos lingüísticos do *pathos* na argumentação, em sua tentativa de compreender como as emoções contribuem para a construção argumentativa dos discursos.

Dentre as muitas linhas teóricas que se debruçam sobre o estudo das emoções (psicologia, antropologia, sociologia, etc) as teorias cognitivistas da psicologia são àquelas que acreditam que as emoções possuem uma base cognitiva (e por isso não podem ser reduzidas à meras sensações, como defende a corrente sensacionalista).

Citaremos aqui as contribuições de um estudo de base cognitivista vindas dos estudos de Rimé & Herbertte (2003). Tal estudo nos parece importante para um quase fechamento desse ciclo teórico por abordar um aspecto específico do discurso presente em nosso objeto: a partilha social das emoções no depoimento emocionado do nosso personagem Henrique.

Para os autores, as pessoas que passam por uma experiência traumática (ou emocionalmente negativa) tendem a falar repetidamente sobre o acontecimento. Elas precisam ser escutadas! Tal necessidade, segundo defendem, pode se prolongar por muito tempo (semanas, meses, etc), o que definem como “reminiscência da emoção”.

Tal fenômeno, para os autores, comporta manifestações ligadas em três níveis:

- nível cognitivo: refere-se aos pensamentos ligados à situação emocional que se manifestam ao curso do tempo, às vezes um longo tempo, que se manifestam sob a forma de uma “ruminação mental” de pensamentos e imagens recorrentes;
- nível emocional: que acredita que a experiência emocional é desencadeada pela experiência cognitiva<sup>3</sup>;
- nível social: que defende que os primeiros indícios da experiência emocional negativa são percebidos através de um sentimento de isolamento

---

<sup>3</sup> A esse entendimento acrescentamos a concepção de emoção trazida pelo pesquisador Frijda (2003), também de base cognitivista, para quem as emoções estão ligadas a estados motivacionais que implicam na apreensão de fenômenos observáveis (sentimentos e experiências íntimas) de ordem psicológica que levam à ação. Frijda (2003) também entende que os estados emocionais estão prontos para se manifestarem no corpo através de ações motoras e fisiológicas mas também de ordem motivacional voluntária. O funcionamento da mente para o autor envolve, além da cognição, a motivação e a emoção que leva a uma ação que, por sua vez é definida por um objetivo visado de ordem relacional. Para o autor, as emoções são sentidas a partir de uma avaliação mais (ou menos) elaborada. Para o autor, mesmo as ações mais impulsivas são de ordem racional. O que de não quer dizer que essas ações sejam socialmente validadas. Frijda (2003) acredita que uma emoção leva a uma ação e que essa emoção é perpassada pela cognição, portanto, de ordem racional.

social para depois surgir a necessidade de estabelecer um contato com as pessoas mais próxima e, em um terceiro momento, a necessidade de falar da situação ocorrida; o que culmina no que os autores conceituam como “partilha social das emoções”.

Rimé & Herbette (2003) afirmam que essa partilha social das emoções não está ligada somente à vivência de experiências emocionais traumáticas mas, ao contrário, estão intimamente ligadas às experiências cotidianas, sejam elas positivas ou negativas.

Outro ponto fundamental tratado pelos autores derruba a ideia de que a simples verbalização de uma emoção pode transformar a relação que estabelecemos com ela. Contrariando ao entendimento recorrente do senso comum de que o ato de falar das emoções nos permite “descarrega-las” e, assim, se essa tese fosse verdadeira, seríamos capazes de liquidá-las um dia. “Ora, essas emoções representam precisamente os frutos da nossa experiência. As lembranças tingidas de emoções portam com efeito suas informações preciosas, as vezes mesmo vitais, para consideração das nossas experiências futuras”. (RIMÉ & HERBETTE, 2003. p. 77) <sup>4</sup>.

Segundo os autores, embora essa partilha social das emoções não levem a uma recuperação emocional, ela suscita uma série de importantes benefícios subjetivos ligados à consolidação da lembrança do episódio emocional com a cumplicidade de sentidos vindas dos parceiros com quem se partilha, possibilitando uma recriação, em parte, desse acontecimento.

A partilha social das emoções é capaz de contribuir amplamente para desenvolver o trabalho cognitivo imposto por um episódio emocional, como descrito acima. Referente à projeção da imagem de si (*ethos*), acredita que manter uma lembrança social à parte do processo de partilha (ou seja, ocultada) gera determinadas carências na busca pelo sentido. Assim, o enunciador que guardar determinados “segredos”, modula a expressão das suas emoções, pode não contribuir para a construção de um *ethos* não positivo na partilha social das emoções visto que ficará uma falta, um vazio no compartilhamento com seu outro.

Por fim, no que diz respeito à relação entre o sujeito que partilha uma experiência emocional e seu auditório (interlocutor), os autores defendem que ao acontecer essa partilha, uma dinâmica muito particular entra em vigor sendo que, a resposta mais característica é a empatia. Quanto mais afetado o auditório se mostra pela partilha, mais ele exprime apoio. Como uma terceira resposta, ele exprime atração pelo enunciado. Quanto mais uma história emocionada requer o interesse e o apoio do auditório, mas esse aprecia seu locutor, e vice-versa. “A partilha de uma experiência emocional intensa pode assim conduzir para a redução da distância psíquica entre duas pessoas” (RIMÉ & HERBETTE, 2003. p. 81) <sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> “Or, ces émotions représentent précisément les fruits de nos expériences. Les souvenirs teintés d’émotion portent en effet avec eux des informations précieuses, et parfois même vitales, à égard de nos expériences futures” (livre transcrição nossa).

<sup>5</sup> “La partage d’une expérience émotionnelle intense peut ainsi entraîner la réduction de la distance psychique entre deux personnes” (livre transcrição nossa).

## 2.4 Uma abordagem sociológica das emoções

Uma última abordagem, que aqui arremata nossa abordagem teórica diz sobre o caráter social das emoções.

Estudos cognitivistas como os de Rimé & Herbette (2003), tratados no tópico anterior, nos mostram que as emoções são, também, fruto da nossa experiência (base antropológica/sociológica).

Tal abordagem nos fica ainda mais clara quando os autores falam que a partilha social das emoções podem contribuir para a construção de uma memória coletiva das emoções, possível a partir da cumplicidade dos parceiros que, pelo compartilhamento das crenças poderiam construir uma impressão de coerência, de controle sobre o mundo. Também, que o universo simbólico do sujeito não é uma construção solitária e, portanto, social.

Sobre esse aspecto, Le Breton (2009) defende que as emoções são estados absolutos que podem transpor um indivíduo ou um grupo. Essas nascem de uma avaliação mais ou menos lúcida de um acontecimento, são pensamentos em ação dispostos em um sistema de sentidos e valores enraizados em uma cultura afetiva. A expressão das emoções são tidas pelo autor como uma atividade de reconhecimento, uma construção social e cultural imersa em um sistema de sentidos, valores individuais e sociais cujos princípios fundadores do elo social confirmam (coesão).

Le Breton (2009) defende ainda que as emoções são formas organizadas de existência dentro de um mesmo grupo social que provêm da simbólica social – embora essas se traduzam de acordo com as circunstâncias e com as singularidades do sujeito. “As emoções traduzem a ressonância afetiva do acontecimento de maneira compreensível aos olhos do outros” (LE BRETON, 2009. P. 17).

Sobre a expressão social das emoções, o autor defende que é no interior da comunidade social que as manifestações efetivas e corporais de um sujeito carregam, aos olhos do outros, um significado. Assim, para que um significado seja experimentado ou exprimido pelo indivíduo ele deve pertencer ao um repertório cultural do seu grupo. Um saber afetivo que circula por entre as relações sociais e ensina aos seus atores as impressões e as formas como elas se impõem.

A comunidade social identifica, classifica e julga os estados afetivos de acordo com a sua conformidade explícita mediante os comportamentos esperados em diferentes situações. Assim, a cultura afetiva que todos nós aprendemos (de como sentir e expressar as nossas emoções) formam, para o autor, um tecido estreito onde cada emoção é colocada em perspectiva no interior de um conjunto indissociável.

### 3 ANÁLISE

#### 3.1 Considerações

Antes da nossa análise, é importante que retomemos o objetivo deste estudo: discorrer sobre como a partilha social das emoções, presente no depoimento do personagem Henrique, no documentário brasileiro Edifício Master contribuiu, enquanto elemento discursivo, para a construção do *ethos* do personagem.

É justo pontuar que nossa análise considerará o discurso verbal do depoimento (expresso oralmente), não abarcando as expressões faciais e gestualidades do nosso sujeito enunciatador. Esses outros elementos discursivos poderiam, sim, fazer parte de um estudo mais elaborado sobre a construção do *ethos* do sujeito. No entanto, nosso estudo optou como recorte teórico considerar a materialidade linguística (oral), já que as expressões faciais e o gestual nos demandariam outros estudos e contribuições.

O discurso do personagem Henrique pode ser dividido em dois momentos bem marcados: no primeiro, ele fala da solidão se morar sozinho, do cotidiano, da perda da esposa, do acidente doméstico que quase o matou, dos filhos, da dura vida de trabalho nos Estados Unidos. Já a segunda parte, essa existência de homem comum (com suas tristezas e nostalgias cotidianas) ganha novos contornos a partir do momento em que ele conhece e canta uma canção com Frank Sinatra. *My Way* passa a representar então sua trajetória de vida.

A forma como é feita a partilha social das emoções nesses dois momentos também difere. No primeiro momento as falas do personagem oscilam entre ora, na definição clara das emoções (“Sinto, sinto muito só às vezes!”, “Foi, foi duro!”) e, ora, nos momentos onde essas emoções precisam fazer parte do mesmo universo de significação do interlocutor para serem então reconhecida (“Tava morto! É uma coisa irreal, uma coisa que eu não posso descrever para o Sr.”, “Absolutamente! Absolutamente!”).

Já no segundo momento, o personagem explica porque *My Way* é a música da sua vida (que, assim como na música, foi vivida a sua maneira certa ou errada) e se mostra, ao fim, emocionado, ao cantar a canção.

A primeira parte do roteiro nos permite construir o *ethos* do personagem Henrique como uma pessoa comum, que poderia viver no apartamento ao lado, fazer compras na feira e viver situações emocionais tão próximas da maioria de nós; pessoas também comuns. Também, de um sujeito trabalhador e bom pai que procurou dar aos filhos tufo o que pode e que hoje amargura momentos de solidão sem a esposa e a família.

Já a segunda parte do roteiro nos permite construir o *ethos* de um sujeito que foi capaz de um grande feito que significou a sua vida (conhecer Frank Sinatra); também, responsável e ciente que viveu da melhor forma que pode (com suas escolhas e convicções).

Consideramos que essas duas construções fazem parte de uma única construção ethódica feita a partir dos imaginários que povoam parte do domínio de práticas sociais do espectador (pelo próprio *ethos* do sujeito comum e sua vivência cotidiana, capaz de grandes e pequenos feitos) e, em seu aspecto sociodiscursivo, pela ligação com os valores e a sedimentação de um discurso social compartilhado (o sujeito trabalhador que venceu na vida,

que deu aos filhos o melhor que pode e que hoje, mesmo sozinho, é uma pessoa que ostenta o valor do “dever cumprido”).

Partimos do pressuposto que os discursos que perpassam essa construção são partilhados pela maioria dos cidadãos médios, de boa índole e que batalham sol a sol para prover o sustento da família e viver, quem sabe, uma velhice tranquila. E que, como defende Amossy (2005), o *ethos* do enunciador Henrique é criado a partir do compartilhamento dessas representações e dos estereótipos que criamos dele. Ao mesmo tempo, essa construção modaliza a fala do sujeito falante que projeta uma visada, como defende a autora, mais argumentativa do que propriamente persuasiva (“Eu não ajuntei muito dinheiro. Eu... tudo o que eu tinha eu dei para os meus filhos”; “*My Way* porque é minha vida! A letra em si é minha vida!”; “E eu acho que em comparação eu fiz a mesma coisa! Eu fui para os Estados Unidos na raça, e fiz da minha maneira! E venci da minha maneira, ralando da minha maneira!”).

Acerca da partilha social das emoções e da sua relação com a construção do *ethos* de Henrique, nos parece claro que o acontecimento emocional que marcou a vida do personagem foi, como relata, o dia que cantou uma canção com Frank Sinatra, em um evento de grande proporção, certamente de abrangência nacional (ou mundial). Não podemos deixar de relacionar que Henrique era na ocasião um trabalhador estrangeiro e cidadão comum que teve naquele momento a inscrição da sua subjetividade no seu lugar de pertença.

Hoje, aposentado e solitário, Henrique busca na partilha social das emoções com seus vizinhos, a cada quinze dias, onde coloca *My Way* bem alto, para que todos ao seu redor ouçam, (a reminiscência da emoção) a consolidação das suas lembranças e a cumplicidade de sentidos que são partilhados com os seus parceiros.

Trata-se de uma reorganização do episódio emocional, de base cognitiva, que reforça o lugar de pertencimento de Henrique no mundo (que, mesmo que hoje, sozinho e distante da família, cumpriu o papel que lhe coube enquanto pai. “Esse é meu jeito de ser”).

Seu *ethos* na produção é então construído a partir da forma que compartilha essa emoção socialmente, abertamente, e por isso de forma positiva. Mesmo que o senso comum defenda que a partilha catártica da emoção tenda à espetacularização, no caso do depoimento de Henrique, até pela visada argumentativa do discurso como um todo, acreditamos que na partilha da experiência emocional com o espectador, a empatia do público com a história de vida de Henrique e com as emoções que hoje sente estão presentes; por consequência nosso personagem consegue o apoio do seu espectador, reduzindo a distância psíquica entre os dois.

Já no que tange ao aspecto social das emoções, acreditamos que o fato de Henrique utilizar *My Way*<sup>6</sup> como instrumento da partilha social das suas emoções possibilita a criação de uma memória coletiva das emoções que ganha a cumplicidade dos parceiros e, por consequência, uma impressão de coerência, de adesão.

As emoções vividas pelo personagem são transpostas para o grupo pelo compartilhamento de um sistema de sentidos e valores enraizados na nossa cultura afetiva que, embora não valorize a expressão “emocionada” do sentir (não atribui a essa crédito e prima pela contenção das emoções), para aqueles que sabem da história de vida do

---

<sup>6</sup> Não podemos esquecer de citar que *My Way* é uma canção conhecida, que carrega consigo o *ethos* do próprio intérprete, Frank Sinatra, e que, mesmo que exija do interlocutor o compartilhamento do código linguístico (idioma inglês), é uma canção reconhecidamente patêmica, que emociona pelas representações no cinema e nas mídias.

personagem (vizinhos e espectadores), a expressão das emoções são reconhecidas e, acreditamos, compartilhadas. Conforme defende Le Breton (2009, p. 17) “As emoções traduzem a ressonância afetiva do acontecimento de maneira compreensível aos olhos do outros”.

Um outro ponto que não podemos deixar aqui de citar é que para nossa cultura brasileira, um pai que faz tudo pelos filhos deve permanecer ao lado desses na velhice para ser cuidado (ao contrário da cultura americana). O abandono dos pais na velhice é uma atitude que cria no brasileiro indignação e revolta; o que reforça os laços de empatia com o personagem. Sendo assim, a expressão da emoção do personagem, que traduz seu sentimento de tristeza e solidão é socialmente compartilhada por nós, brasileiros.

### 3.2 A recepção

Conforme descrevemos acima, na introdução deste estudo a partir de Mendes (2010), a questão da recepção é de suma importância para os estudos da patemização, já que esses podem nos oferecer traços, marcas dos sucessos dos efeitos visados pelo discurso.

Dessa forma buscaremos aqui alguns desses traços como um ensaio metodológico a ser desenvolvido e que carece de atenção dos estudos da linguagem.

Relacionaremos alguns *posts* sobre o vídeo do depoimento de Henrique no Youtube<sup>7</sup> como um apontamento que confirma nosso pressuposto de que um *ethos* positivo foi criado do sujeito personagem, ao todo, 12 comentários.

1. Fantástico, sensacional rs! (jcs451 1 mês atrás)

2 The last time I cried in a cinema, 3 years ago, was with this scene. I saw the film in the Barcelona Brazilian Film Festival. In 2007. I still got goosebumps (Bundimen 5 meses atrás)

3. Não tem pra ninguém. Nem Elvis, nem Sinatra, a melhor interpretação do mundo de My Way é do Sr. Henrique!!!!!! (ArquimedesGaussEuler 8 meses atrás 3)

4. que coisa mais linda..tem tanta gente especial no mundo... (nathybrates 1 ano atrás 2)

5. lindo! realmente emocionante. (Baah04 1 ano atrás 2)

6 E seu Henrique, este é o verdadeiro brasileiro, da alegria e orgulho nos depararmos com pessoas como esta. (Heliogoto 1 ano atrás)

7 Muito bom esse documentário, pela diversidade que existe entre os moradores desse prédio... tem de tudo ali! E se não me engano, no final desse documentário diz que o Sr. Henrique morreu alguns dias depois dessa entrevista. (WOLVER1NE 1 ano atrás)

---

<sup>7</sup> Cf. em [http://www.youtube.com/all\\_comments?v=i72hMX4t7JQ](http://www.youtube.com/all_comments?v=i72hMX4t7JQ) acesso em 01/07/2011

8. Uma das cenas mais emocionantes cenas do cinema brasileiro.(nunopenna 2 anos atrás)
9. Emocionante!!!! (Nikinhaloira 2 anos atrás)
10. My Way está naquele rol das melhores músicas de todos os tempos, cantada pelo maior cantor da história: Frank Sinatra. (Rocc123Rocc123 2 anos atrás)
11. Lindoooooo...adorei esse documentário!!! (geisamariana 2 anos atrás)
12. Que lindo ele cantando! Obrigada por postar! (Loiegu 2 anos atrás)

Notamos que entre os comentários há compartilhamento das emoções sentidas pelo personagem além do *ethos* positivo deste (“tem tanta gente especial no mundo”, “E seu Henrique, este é o verdadeiro brasileiro, da alegria e orgulho nos depararmos com pessoas como esta”). Dessa forma, validamos aqui nossa percepção de que o compartilhamento das suas emoções com o público contribuiu para a formação de um *ethos* positivo do nosso personagem Henrique.

#### 4 CONSIDERAÇÕES

Por fim, cabe a esta análise ressaltar que, conforme alerta Plantin (2003) as emoções por si não podem constituir um objeto de análise para AD uma vez que os métodos utilizados pela ciência da linguagem não são suficientes para modalizar os processos internos dos sujeitos e detectar o que, de fato, ele está sentindo. Ao contrário, é necessários que o analista se atenha as manifestações emocionais expressas e capazes de serem descritas e analisadas, na sua tentativa de expressar ou suscitar emoção. Defende, por fim, que existe uma estrutura discursiva da exibição emocional e há uma forma particular da exibição desta que deve ser considerada nas análises.

Assim, este estudo não pode afirmar sobre as emoções suscitadas na partilha social feita por Henrique e nem das emoções de fato sentidas pelo nosso personagem. Nossa análise se restringiu a relacionar a expressão dessa emoção com a construção etódica do personagem que se faz por meio do seu discurso.

Ao mesmo tempo, ensaiou uma pretensa metodologia de análise, referente à recepção, como forma de apontamento para outras possibilidade de análise que se abrem para a AD.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

AMOSSY, Ruth. *A espécie humana, de Robert Anthelme ou as modalidades argumentativas do discurso documental*. In: *As emoções do Discurso*. Rio de Janeiro: Lucena, 2007. p. 253-271. Ida Lúcia Machado (trad.)

CHARAUDEAU, P. *Une problmatization discursive de l'émotion: a propôs des effets de pathémisation à la télévision*. In: PLATIN, C.DOURRY, M.TRAVASSO,V. Les émotions das les interactions. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2000. P. 125-155

CHARAUDEAU, Patrick. *Les stéréotypes c'est biens, ls imaginaires c'est mieux*. In: *Stéréotypes, stéréotypes: foncionemments ordinaires et mise en scène*. Tome 4: lange(s), discours. Actes du Colloque International de Montpellier (Université Montpellier III). Jul/2006. Dir. Henrique Boyer. L'Harmattan: Paris, 2006. (Livre tradução)

EDIFICIO MASTER. Direção Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro. Videofilmes. 2002. Brasil (1DVD). 110 min. Som. Color. Legendado

FRIJDA, Nico H. *Passions : l'émotions comme motivation*. In : COLLETTA, Jean-Marc. TCHERKASSOF, Anna (dir). Les émotions. Cognition, langage et développement. Belgique : Maradaga, 2003. P 70-84.

LE BRETON, David. *As paixões ordinárias*. Antropopogia das emoções. Rio de Janeiro : Vozes, 2009.

LEITE, Sydinei Ferreira. *Cinema brasileiro: das origens à Retomada*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 95-107

LIMA, Helcira. *Patemização: emoções e linguagem*. In: MACHADO, I.L. MENEZES, W. MENDES, E. (ogr.). *Emoções no discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. P. 140-149. Vol.1

LIMA, Helcira M.R. *Patemização no tribunal do júri: emoções, imagens e discursos*. Estudos da Língua(gem). V.6, nº1. Jun/2008. P. 127-142

LINS,C. MESQUITA, C. *Filmar o real: sobre o documentário brasileiro contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. p. 45-50

MENDES, Emília. *Entrevistas forjadas : a representação de um 'outro' como um 'eu'*. In : Revista Vertentes, nº 32. Universidade Federal de São João Del Rey. Pró-reitoria de Pesquisa. Jul/Dez 2008. P. 193-201

MENDES, Emília. Prefácio. In: MENDES, Emília. MACHADO, Ida Lúcia (orgs). *Emoções no discurso*. Vol.II. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2010. p. 7-21

PLANTIN, C.*Structures verbales de l'émotion parlé et la parole émue*. In: COLLETTA, Jean-Marc e TCHERKASSOF, Anna (dir). Les émotions:cognition, langage et développement. Belgique: Mardaga, 2003. P. 97-130

RIMÉ , B. & HERBETTE, Gwénola. *L'impact des émotions : approche cognitive et sociale*. In : COLLETTA, Jean-Marc. TCHERKASSOF, Anna (dir). Les émotions. Cognition, langage et développement. Belgique : Maradaga, 2003. P 70-84.

## ANEXO

### Anexo 1 - Livre transcrição nossa do depoimento do personagem Henrique

Henrique (H) - *Moro sozinho*

Eduardo Coutinho (EC) - *Não sente muito só às vezes?*

H - *Sinto, sinto muito só às vezes! Só que eu tenho uma Tia que mora aqui na Praça Azeredo Corrêa e tenho meus parentes em Belo Horizonte. Meus filhos moram nos Estados Unidos, todos eles.*

EC - *Qual o seu lazer aqui: praia?(inaudível)?*

H - *Praia e andar, praia e andar!*

EC - *O Sr tá em forma, né?*

H - *Ainda não to em forma não porque aconteceu, como esse acontecimento do acidente que eu tive...*

EC - *Ah, me conta como foi isso!*

H - *Isso foi no dia 23 de abril. Eu tava entrando em casa, e como o Sr vê o apartamento é todo com carpete mas a entrada é com ladrilho. Eu escorreguei no ladrilho e caí com a cabeça assim (mostra). Aí quando eu caí eu devo ter desmaiado, eu não lembro! No que eu gemi o meu vizinho que estava passando pela porta ouviu e falou: “Alguma coisa está acontecendo com o Henrique!”.*

EC - *E se não passa uma pessoa aí?*

H - *Tava morto! É uma coisa irreal, uma coisa que eu não posso descrever para p Sr! Foi uma, uma, uma... eu não tenho palavras para descrever para o Sr!*

EC - *Porque três horas depois já não adiantava mais!*

H - *Não, não adiantava mais!*

EC - *Você tem três filhos?*

H - *Tenho três filhos. Não, tenho três filhos e uma filha!*

EC - *O que lês fazem?*

H - *O meu mais velho é vice presidente de uma companhia de petróleo em Lafayette, Louisiana. O outro é analista de computação. E ela, a Rebeca, dirige aqueles caminhos de dezoito rodas da Federal Express.*

EC - *Nos Estados Unidos?*

H - *Nos Estados Unidos, North Carolina!*

EC - *E sua mulher já morreu?*

H - *Sim, faleceu!*

EC - *Quantos anos?*

H - *Ela faleceu tem... seis anos agora.*

EC - *Foi duro para o Sr?*

H - *Foi, foi duro! Foi.. foi. Nós éramos muito unidos!*

EC - *Como surgiu a ideia de ir para os Estados Unidos?*

H - *Ah... a ideia de muito tempo! Eu fui contra a vontade da minha família, e com dezessete anos eu ... meu Tio era muito amigo aí do Governo, ele me arrumou um certificado de dezoito anos, peguei o passaporte e com duzentos reais fui para os Estados Unidos em conhecer ninguém! Comecei lavado prato, etc, e... por coincidência estava no aeroporto de Aero wait, aquele aeroporto velho dos Estados Unidos; eu tava passando pela mostradora e eles me perguntaram se eu era portoriquenho. Eu disse “Não, u sou brasileiro”. Eles disseram: “Olha, estão a empregar pessoas que falam português!”. Eu fui empregado no outro dia!*

EC - *Em qual Companhia?*

H - *Pan American!*

EC - *O Sr trabalhou em alguma posição importante nos Estados Unidos. Imagina, o Sr (inaudível) juntou dinheiro, agora tem muito dinheiro, tem aposentadoria. Por que o Sr (inaudível) num apartamento muito pequeno?*

H - *Eu não ajuntei muito dinheiro. Eu... tudo o que eu tinha eu dei para os meus filhos! Dei uma casa pro meu filho, um carro pro meu filho. Eu tenho a minha aposentadoria que vem dos Estados Unidos, mas não é grande importância não! É uma importância suficiente para eu viver aqui mas não é... o que todo mundo pensa “Ah, ganhando em dólar, tem muito dinheiro!”. Absolutamente! Absolutamente! Sendo muito franco, se eu morasse nos Estados Unidos com a aposentadoria que eu tenho agora, eu não teria essa vida!*

EC - *Como você conheceu o Frank Sinatra?*

H - *É muito interessante! Não por mim, mas pela minha Companhia, quando os astronautas voltaram da lua, houve para eles uma recepção no Astrodome, em Houston. Eu fui uma das pessoas convidadas! Eu estava sentada na arena e eles estavam sentados, mais ou menos, umas quatro ou cinco cadeiras além de mim com um monstro (risos) monstro...*

RC - *Da máfia!*

H - *Monstro da máfia (risos) junto com ele. Eu cheguei e “vou falar com eles”, eu cheguei e “how you do in blue ice?” Ele riu, apertei a mão dele, comecei a conversar com ele, etc. Tinha lá Dionne Warwick, Frank Sinatra, várias personalidades. Eu falei: “A música que eu gosto mais de você é My Way, “Então você vai subir comigo e cantar dois versos!”. Subi no palco, abri a boca a cantei com ele os dois versos!*

EC - *Mas o Frank Sinatra teve que explicar, o que você tava fazendo lá? (inaudível)*

H - *“Ah, tô com um com amigo meu que conheci... gostei muito dele, brasileiro, trabalha na USS, ele vai cantar comigo”, pronto!*

EC - *Por que My way?*

H - *My way porque é minha vida! A letra em si é minha vida! Bom, a letra diz que ele fez tudo o que podia ser feito, viajou para o Oeste, viajou pro (inaudível), viajou para todos os locais, mas fez da maneira dele. Certo ou errado ele fez da maneira dele! E eu acho que em comparação eu fiz a mesma coisa! Eu fui para os Estados Unidos na raça, e fiz da minha maneira! E venci da minha maneira, ralando da minha maneira!*

H - *Dois sábados por semana eu ponho a música aqui para a turma lá de fora ouvir. Então, todo mundo que passa fica aqui na janela... "Ah, ok! Ok!" (risos)*

EC - *Dois sábados por semana, não! Dois sábados por mês?*

H - *Dois sábados por mês, me desculpe!*

EC - *A que horas?*

H - *Ah, começa mais ou menos dez horas da manhã. Começa às dez horas da manhã.*

H - *Olha o estouro aí. Cuidado, hein! Tá ok!*

H - *And now the end is near / And so I face the final curtain / My friend, I'll say it clear / I'll state my case of which I'm certain / I've lived a life that's full / I traveled each and every highway / And more, much more than this / I did it my way*

*Regrets, I've had a few / But then again, too few to mention / I did what I had to do / And saw it through without exemption / I've planned each charted course / Each careful step along the byway / And more, much more than this / I did it my way*

*Yes there were times, I'm sure you knew / When I bit off more than I could chew / But through it all when there was doubt / I ate it up and spit it out / I faced it all and I stood tall / And did it my way*

*I've loved, I've laughed and cried / I've had my fill, my share of losing / And now as tears subside / I find it all so amusing / To think I did all that / And may I say, not in a shy way / Oh no, oh no, not me I did it my way /*

*For what is a man, what has he got? / If not himself, than he has naught / To say the things he truly feels / And not the words of one who kneels / The record shows, I took the blows / And did it my way<sup>8</sup>*

H - *É isso aí, meus filhos! A voz poderia ser melhor mais... da próxima vez eu faço melhor! Mas isso foi a sessenta anos trás! Tem muito tempo, né? (choro)*

H - *Eu fico muito emocionado com essa música! Muito! Me dá chills!*

H - *Parou? Acabou?*

---

<sup>8</sup> A letra original da música foram retiradas do link <http://letras.terra.com.br/frank-sinatra/36413/traducao.html>  
Acesso em 30/06/2011